

Homenagem ao Prof. Aderson de Menezes

Conta o Padre Antônio Vieira, no seu famoso sermão de Santo Antônio, que “navegando daqui para o Pará vi correr pela tona da água de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia: e como me dissessem que os portugueses lhes chamavam quatro olhos, quis averiguar ocultamente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos...Filosofando sobre a causa natural desta providência, notei que aqueles quatro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles unido como dois vidros de um relógio de areia, em tal forma que os da parte superior olham diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitetura é porque estes peixinhos, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes do mar, senão de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naqueles países: e como têm inimigos no mar, e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois, que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes”. À semelhança deste curioso espécime de nossa fauna aquática¹, Aderson de Menezes procurou abranger com seu *élan* vital, as camadas mais elevadas do pensamento teórico-especulativo e os estratos funcional-orgânicos da vida prática de seu país. Conseguiu aliar uma vigorosa mente dada aos apelos da transcendental investigação teórica aos encantos de uma vida útil e prática, no sem-número de cargos e funções públicas exercidas ao longo de seus cinquenta anos de vida. Exerceu todos os postos em que os menos espertos fazem fortuna, e deles saiu pobre. Pode-se dizer dele, neste aspecto, o que ele disse a respeito de

¹ Trata-se do *trabaloto* (ou *tariota*), conhecido peixe da bacia amazônica, pertencente à família dos Ciprinodônticas, cujos olhos apresentam dupla curvatura.

Waldemar Pedrosa: suas virtudes pessoais e permanentes eram superiores à honra das posições ocasionais e temporárias alcançadas no serviço público.

Um fator decisivo na vida de Aderson foi a intensa admiração devotada ao nome de Waldemar Pedrosa, que o levaria a escrever em 1970, o livro *Waldemar Pedrosa – notas biográficas e textos documentais*, onde contrariando o humilde e desprezioso título, alinha ao longo das páginas fina e arguta biografia de sua Egéria inspiradora, retratando fatos e detalhes aferidores da qualidade intelectual do biografado. Não há negar que o foco de admiração e o espelho em que se fixava a objetiva de Aderson era da melhor qualidade. Portador de um estilo literário incomum para a época e mediania do lugar, Waldemar Pedrosa aliava a isso profunda cultura humanística, cuja prova extrai-se de trabalhos forenses fina e densamente burilados, afrontando em formas grandiosas o medíocre e provinciano ramerrão forense². O mestre da advocatura criminal e do magistério superior, em cuja conduta se espelhava o nosso homenageado, dava indícios de quão grandes áfricas seria capaz o pupilo extasiado pelo brilho que emanava dele. A grandeza de quem é admirado sempre respinga em quem admira. Quem cuida de rosas sempre acaba ficando com algum aroma nas mãos.

Não há estilística que subsista sem um conteúdo cultural alicerçador, assim como o pensamento não se sustenta no vácuo das idéias. A forma de expor o pensamento depende, antes de tudo, da existência prévia de um pensamento, que por sua vez é fermentado por idéias. Em termos sumários, o estilo é uma moeda-padrão cujo lastro é a cultura. A respeito do estilo de Waldemar

² Eis o que dele dizia a Revista da Faculdade de Direito do Amazonas, em 1955 (número 3, ano 3º), homenageando-lhe: “Mestre consumado da ciência criminal, possuidor de um lastro de cultura especializada sem paralelo no panorama amazônico, seu saber é polimato, a um tempo jurídico e literário, valendo sua cerebração, só por só, como límpida e inigualável glória para a planície imensa”. Aderson avalizava os encômios com paixão: “Era detentor, porém, de genérico saber jurídico, em cujos planos incursionou e brilhantemente...” (*Waldemar Pedrosa...*, p. 75). Também dele diria o jornalista Genesino Braga: “Vigoroso é o seu estilo, polida e sem pecados é a forma. As frases impõem modulações envolventes. Há movimentos aristocráticos de esgrimista medieval na construção dos argumentos” (em “A Tarde”, Manaus, 06.07.1942).

Pedrosa escreveria Aderson de Menezes: “A elegância e a sobriedade de linguagem, ainda que esta feita e refeita, burilada e polida, não pode ser perpetrado, como o jamais e nunca o será, senão por inteligências de elite, daqueles já nascidos com a vocação do estudo e, ao depois, habituados ao manuseio das boas letras, à maneira do luminoso e iluminado Waldemar Pedrosa, que, além do seu valor mental congênito, soube lastrear imenso cabedal intelectual e moral” (*cit.*, p. 103-104).

O estilo ático do tribuno amazonense foi o que mais fascinou Aderson, e seria o modelo sob o qual edificaria sua conduta no mundo cultural. No livro *Waldemar Pedrosa – Notas biográficas e textos documentais*, Aderson epiloga aduzindo sua “admiração intelectual, erguida neste livro sobre o alicerce indestrutível de sua vida e de sua obra, com o único objetivo de marcar, para as gerações porvindouras, a presença sempiterna de Waldemar Pedrosa no Amazonas e no Brasil” (p. 264).

O gosto pela língua francesa, por exemplo, era uma das gemas do precioso tesouro intelectual de Waldemar Pedrosa, a cujo legado Aderson se fez merecedor. Com este instrumento cultural, preparou o terreno onde deitaria raízes o seu mais famoso livro: *Teoria Geral do Estado*. Pelo estudo direto (sem a intermediação de traduções mal-ajambradas ou de plágios convenientemente disfarçados) dos publicistas franceses, principalmente, Aderson aprofundou seus conhecimentos neste valiosíssimo ramo da ciência jurídica. E o fez de forma tão magistral e profunda, que a obra se tornou ao lado de tantas outras com o selo de nomes acatados, referencial clássico (com sucessivas reedições). Qualquer estudioso da matéria, não pode, sob pena de carimbar um atestado público de inópia intelectual, desconhecer essa valiosa colaboração de Aderson de Menezes.

Tudo indica, e isto é confirmado por um fraterno biógrafo, que Aderson de Menezes era uma espécie de *globe-trotter* das línguas estrangeiras, estudando algumas poucas. E não por mero deleite ou para alimentar suposta vaidade, dessas que recheiam algumas nulidades pretensiosas, mas para auxiliar sua atividade docente, pela qual dedicou toda a sua vida.

Certa vez, em Cannes, o Imperador Pedro II, entre brasileiros, declarou gravemente: "Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre, que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro". E em outra oportunidade, ressaltando a nobre profissão, diria: "No Brasil há duas posições invejáveis: senador e professor do Colégio Pedro II". Aderson, com uma coragem inversamente proporcional à timidez do famoso soberano, fez do sonho uma realidade, sendo um mestre respeitado e prestigiado, desempenhando a função docente até momentos antes do trágico exílio.

Aderson foi grande, talentoso, dedicado, mas não foi universal, prêmio que a Providência distribui sovinaamente a pouquíssimos privilegiados na humanidade. Sua acuidade intelectual, sua curiosidade acadêmica, sua inquietude de estudioso, lhe conferiram, entretanto, lugar de destaque em sua terra natal e um posto honroso na cultura nacional. Se seus dias fossem alongados teríamos uma obra mais densa, variada e rica, enfeitada com os louros de seu gênio bárbaro e indisciplinado, porém, profundo e perscrutador.

Pelas características de seu magistério Aderson não chegou a ser um pensador dos grandes temas filosóficos e políticos, criando ou esboçando um sistema próprio de investigação no ramo didático ao qual dedicou a vida. Suas posições foram uma síntese do pensamento da época em que viveu, um reflexo das influências que sofreu. Faltou o tempo necessário para fazer seu o alimento de outras bocas. Isso, todavia, não retira o encanto de suas lições, a profundidade de sua análise, e acima de tudo, o fato de ter superado obstáculos que a outros impediram a passagem, cloroformizando-os na inércia improdutiva e na mediania tacaña. Se não teve outro mérito, teve o da coragem de atirar o bastão da inteligência um pouco mais longe.

Aderson praticamente é um autor de um livro só, não obstante ter escrito mais de um. A razão da afirmação cinge-se ao fato de que o único livro, cujo conteúdo foi polido e repolido para a edição, é o de *Teoria Geral do Estado*. Os demais escritos não

passaram de esboços, alguns apressados e de ocasião, outros um pouco mais apurados mas sempre embrionários – neste rol colocaria o documentário sobre Waldemar Pedrosa. Como escritor, portanto, deixou escassa documentação do talento que possuía.

Um livro de direito, técnico, preso na camisa-de-força das regras rígidas do academicismo convencional – que se não mata fulminantemente a imaginação e o estro criativo, asfixia-os lentamente ao longo das páginas – não consegue mostrar a extensão do talento literário e até mesmo jurídico do autor. A imaginação carece de ares mais vastos e livres. Daí ser mais fácil esquadriñar os valores estéticos e literários de Aderson no livro dedicado à vida de Waldemar Pedrosa, onde consta as impressões personalíssimas do autor do que no leito brunido de seu livro mais famoso e prestigiado por inúmeras edições.

Faltou tempo ao homenageado para expor seu talento indubitado em toda sua largueza – pelo menos para a posteridade. Tinha ele inúmeros projetos editoriais de biografias, relatos e quem sabe de obra sistemática nas ciências transcendentais que alimentavam sua Teoria Geral do Estado (filosofia, sociologia, política etc.). O fio da vida adelgaçou-se num momento em que florescia, nutrida pela seiva da maturidade, a temperança moral e intelectual.

Um ser humano só cumpre seu mais nobre dever quando tenta aperfeiçoar os dotes que a natureza lhe deu. Visto em seu conjunto conglobante, sem dimensionar detalhes isolados, a curta vida de Aderson foi devotada ao estudo, ao trabalho e à família. Três estratos sociais que nobilitam o homem, aperfeiçoando-lhe enquanto ser humano, cidadão e pai. Três alavancas que o catapultaram na admiração dos pósteros.

A morte de um indivíduo mediano que não deu ao seu povo senão mais um número estatístico, somando-se aos demais numa multidão sem caracteres definidos, faz vicejar apenas a boa flor dos túmulos: o esquecimento. A lembrança sempre viva de Aderson de Menezes, não apenas no meio familiar, mas entre os cultores das belas-letas, da cultura jurídica densa, é o testemunho eloquente de que sua memória não se perdeu com o fim de sua

existência física, perdura pujante em cada linha escrita por ele, em cada idéia estilisticamente exposta.

Dados biográficos:

Aderson Andrade de Menezes nasceu em Parintins, no dia 19 de novembro de 1925 e faleceu em Brasília no dia 16 de abril de 1970.

Exerceu no Amazonas diversas funções públicas: Diretor da Penitenciária Central; Delegado Auxiliar da Capital; Chefe de polícia; Deputado à Assembléia Legislativa; Juiz de Direito Substituto; Procurador-Chefe da Procuradoria Fiscal da Fazenda; Secretário de Estado da Educação e Cultura; Representante do Governo do Estado do Amazonas em Brasília; Professor no Colégio Estadual do Amazonas (Geografia Geral); Professor de Ciência das Finanças, de Direito Internacional e de Teoria Geral do Estado, na Faculdade de Direito; Professor de Instituições de Direito Público da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas; Professor Titular Extraordinário da Universidade de Brasília (nas cadeiras de Introdução à ciência política e Teoria Geral do Direito Público); Professor Titular da Faculdade de Direito do Centro Universitário de Brasília (nas cadeiras de Teoria Geral do Direito Público e Direito Administrativo); Diretor da Faculdade de Direito do Amazonas; Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas; Reitor da Universidade do Amazonas; dentre outras atividades.

Em sua curta, porém profícua vida, escreveu as seguintes obras: *Do mandato político na Democracia representativa*; *História da Faculdade de Direito do Amazonas*; *Teoria Geral do Estado*; *Idéias e problemas do Estado*; *Diretrizes do pensamento jurídico*; *O sentido polêmico da Reforma Eleitoral*; *Alocações acadêmicas*; *Análise de Rezende, sua vida e sua obra* e *Waldemar Pedrosa – notas biográficas e textos documentais*.